

Aryon Dall'Igna Rodrigues
Universidade de Brasília
Colina, bloco "J", apto 503
CEP 70.910, Brasília - DF - Brasil

Anais do Simpósio Internacional sobre
Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento
da Amazônia, Belém, 1992.

CEDI - P. I. B.
DATA 20/09/93
CO. A2D 00018

Do ponto de vista lingüístico a Amazônia se caracteriza por ampla diversidade, pela qual contrasta fortemente com outras regiões ecológicas do mundo. Na Amazônia estão presentes línguas de dezenove famílias genéticas (isto é, conjuntos de idiomas com uma origem demonstravelmente comum), assim como membros de pelo menos duas famílias não amazônicas (Jê e Quêchua) e vinte isolados lingüísticos. São as seguintes as famílias lingüísticas reconhecidas atualmente na Amazônia: Arawá (Brasil e Peru), Aruák ou Arawak (Bolívia, Brasil, Guiana, Peru, Suriname), Bora (Colômbia, Peru), Jívaro (Equador, Peru), Karíb (Brasil, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela), Katukína (Brasil), Kawapana (Peru), Makú (Brasil, Colômbia, Venezuela), Múra (Brasil), Nambikwára (Brasil), Páno (Bolívia, Brasil, Peru), Peba-Yagua (Peru), Takána (Bolívia, Peru), Tukáno (Brasil, Colômbia, Equador, Tupi (Bolívia, Brasil, Guiana Francesa, Peru), Txapakúra (Bolívia, Brasil), Witóto (Brasil, Colômbia, Peru), Yanomani (Brasil, Venezuela), Záparo (Equador, Peru). Os isolados lingüísticos são: Aikaná (Brasil), Arutani (Brasil, Venezuela), Arikapú (Brasil), Chiquito (Bolívia), Irántxe (Brasil), Itonáma (Bolívia), Jabuti (Brasil), Kakua (Colômbia), Kamsa (Colômbia), Canoé (Brasil), Koaiá (Brasil), Macusa (Colômbia), Máku (Brasil), Muniche (Peru), Trumái (Brasil), Tukúna ou Tikúna (Brasil, Colômbia, Peru), Urarina (Peru), (Grimes, 1984; Rodrigues, 1986a). Ao todo, somados os isolados às famílias, temos na Amazônia 39 unidades genéticas. Mesmo que a ampliação e o aprofundamento das pesquisas lingüísticas venham a descobrir relações genéticas entre algumas das famílias lingüísticas desta região ou a associar alguns isolados lingüísticos a uma ou outra daquelas famílias, é improvável que venha a modificar-se, essencialmente, o quadro geral de grande diversidade genética que caracteriza a área amazônica como um todo. Essa diversidade lingüística genética da Amazônia contrasta fortemente também com outras regiões da América do Sul, como a Andina com seis famílias e a do Chaco com cinco (cf. Grimes, 1984).

A grande diversidade genética espera-se que corresponda um grande número de línguas. Esse é de fato o caso da Amazônia com cerca de 250 línguas, embora esse número esteja bem abaixo do que, como menor diversidade genética, se encontra em certas outras áreas do mundo, como a Índia, com mais de 300 línguas filiadas e apenas cinco famílias genéticas. O número atual de línguas amazônicas é

certamente muito inferior ao que deve ter havido anteriormente à penetração européia. Uma olhada sobre um mapa com a localização dos povos indígenas que ainda hoje vivem na Amazônia (p. ex., Aguirre e Rodrigues, 1985; Nimuendajú, 1981) revela que na enorme extensão de cerca de 1.800 km no vale do rio Amazonas, que vai de Tefé até o oceano Atlântico, desapareceram quase completamente os povos nativos. Essa extensão se alarga em regra por cerca de 250 km ao norte e 250 km ao sul do rio Amazonas, mas aprofundando-se mais nos vales dos grandes afluentes, sobretudo no Tapajós, pelo qual sobe por cerca de 600 km, e no rio Negro, no qual só se encontram hoje povos indígenas a mais de 1.000 km de sua foz em Manaus. De um modo geral, depois de cinco séculos de exploração européia da Amazônia, só subsistem povos indígenas numa ferradura disposta através dos altos cursos dos afluentes do rio Amazonas, com uma extremidade no alto Jari ao norte e a outra no alto Xingu ao sul. O grande vazio de povos indígenas criado no vasto espaço compreendido dentro dessa ferradura, no próprio coração da Amazônia, teve obviamente como consequência o desaparecimento de grande número de línguas amazônicas. Pela extensão da área despovoada não é exagero estimar a quantidade de línguas nativas anterior à penetração européia em pelo menos o dobro do número de línguas subsistentes, ou seja, cerca de 500.

Mesmo com a redução a 250 línguas, a Amazônia ainda representa uma das mais importantes reservas de variedade lingüística do mundo, sobretudo devido à grande diversidade genética que a caracteriza. O estudo detalhado das línguas amazônicas está apenas iniciando: juntamente com o das demais áreas da América do Sul, esta continua sendo a última grande região do mundo cujas línguas ainda não se tornaram objeto de pesquisas científicas sistemáticas. A maior parte das pesquisas lingüísticas realizadas até agora na Amazônia pode ser vista como prospecções preliminares. Não obstante isso, alguns resultados das pesquisas em andamento já revelam fenômenos lingüísticos novos, não encontrados em outras áreas do mundo. Trata-se tanto de fenômenos fonológicos, referentes à organização sonora da manifestação lingüística (Rodrigues, 1984, 1986b), como de fenômenos morfossintáticos, relativos à elaboração formal da expressão do pensamento e das situações de comunicação (Derbyshire, 1977, 1981, 1986; Derbyshire e Pullum, 1981; Landin, 1980; Rodrigues, 1990). Tanto num caso como no outro, alguns dos

fenômenos novos descobertos nas línguas amazônicas são de natureza tal, que têm sugerido, senão exigido, a modificação de pontos importantes da teoria fonológica (Everett e Everett, 1984; Vigna, 1991) e da teoria gramatical, inclusive no que se relaciona com o reconhecimento de princípios linguísticos universais (Derbyshire, 1987; Everett, 1982, 1985).

Para essa situação surpreendente e que deixa muito clara a grande importância da Amazônia para o melhor conhecimento da natureza da linguagem humana, concorrem naturalmente dois fatores principais. Por uma parte, a Amazônia é o centro de um continente, a América do Sul, praticamente isolado do resto do mundo habitado, a que se liga apenas pelo Istmo do Panamá, através do qual foi povoado e em que durante milênios os povos indígenas evoluíram e se diferenciaram linguisticamente, sem transmitir a outras regiões as inovações fonológicas e gramaticais aqui surgidas. Por outra parte, pode ser a última grande região a ser pesquisada por linguistas, as suas línguas não puderam, e ainda pouco podem ser consideradas no desenvolvimento de teorias linguísticas.

As línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os homens para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo.

Cada língua está intimamente ligada aos processos cognoscitivos e à experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações. As descobertas que, elaboradas e reelaboradas pela inteligência ao longo de milênios, formaram o imenso acervo de conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que se desenvolveu como parte e como instrumento dessa cultura. Tudo o que hoje os antropólogos vêm descobrindo junto aos povos indígenas em matéria de ciência nativa, como etnobiologia, etnomatemática, etnoastronomia, em resumo como etnociência, só se torna realmente acessível ao pesquisador através da língua indígena. Sistemas nativos de classificação das espécies animais (cf. Jensen, 1988; Posey, 1979, 1983) e vegetais (cf. Balée e Moore, 1991), de reconhecimento de solos apropriados para a agricultura, de controle astronômico das épocas de plantio e de coleta de alimentos silvestres, de controle biológico de pragas e de domesticação de plantas e animais (Posey, 1982), de utilização de substâncias medicamentosas, todo esse conhecimento acumulado e organizado (Grenand, 1980), que permitiu a cada povo sobreviver em meios ambientes específicos, tem expressão própria nas respectivas línguas nativas e normalmente só é acessível através delas. Perdida a língua de forma abrupta, sob pressão de outro povo que tenta impor outra cultura, perde-se a maior parte daquele conhecimento pela destruição do sistema de referência que o mantinha integrado e operante. Em geral, a cada língua indígena desaparecida corresponde todo um complexo cognoscitivo rico em especificidades que se perde para o povo afetado e para todo o gênero humano.

A extinção das línguas amazônicas acarreta, portanto a perda de um considerável patrimônio humano em termos de experiências cognoscitivas. Preservar as condições de uso das línguas indígenas a par das condições de exercício das atividades culturais tradicionais dos povos que as falam deve ser a diretriz de uma política sábia de aproveitamento inteligente, não predatório, não destruidor da Amazônia. As culturas e as línguas indígenas, em sua grande diversidade, têm de ser vistas como um precioso banco de conhecimentos humanos sobre a interação do homem com o meio ambiente.

Além dos aspectos genético e cognoscitivo, acima discutidos, que indicam a importância da diversidade linguística da Amazônia, devemos considerar ainda os aspectos demográficos e comunicativo dessa diversidade. Em sua situação presente, o panorama linguístico da Amazônia se caracteriza, do ponto de vista demográfico, pelo tamanho extremamente reduzido das populações que falam cada uma das suas 250 línguas. Em contraste com a área andina da própria América do Sul, onde o Quêchua é falado por mais de três milhões de pessoas, o Aymara por mais de um milhão e o Mapuche (Araucano) por cerca de meio milhão, a língua amazônica com maior população, o Kámpa (Campa), tem apenas cerca de 30.000 falantes (distribuídos por vários dialetos). O número médio de falantes por língua na Amazônia é de 1.750. Essa média, baixíssima, é substancialmente mais baixa ainda, 820, na Amazônia brasileira, onde a despovoação dos povos indígenas é muito mais grave. Diante desses números, vê-se que todas as línguas amazônicas se acham na situação de línguas ameaçadas de extinção (cf. Krauss, 1991). A situação na Amazônia brasileira é tanto mais séria, porquanto é nela que ocorre a maior diversidade linguística, com cerca de 130 línguas filiadas a treze famílias genéticas e mais dez isolados linguísticos (cf. Rodrigues, 1986a). A segunda maior diversidade é da Amazônia peruana, com 46 línguas distribuídas por onze famílias e quatro isolados. Dos dez isolados linguísticos da Amazônia brasileira, apenas um, o Tukúna (Tikúna) tem uma população relativamente estável, com cerca de 22.000 pessoas (4.000 das quais no Peru e na Colômbia). Dos outros isolados, o Irántxe tem cerca de 200 falantes e todos os demais têm menos de 100, sendo que do Máku se conhece apenas um falante. Pelo menos cinco desses isolados já são línguas moribundas (Krauss, 1991), que não são mais aprendidas por crianças. Nesse mesma situação estão muitas outras línguas, pertencentes a diversas famílias.

Quanto ao aspecto comunicativo, basta lembrar que, além de ser instrumento básico de aculturação, isto é, de aquisição da cultura de cada comunidade humana, a língua é também o principal veículo de comunicação entre os elementos dessa comunidade, para cuja unidade, identidade e bem-estar contribui essencialmente. Sendo assim, todo processo de educação depende crucialmente da intermediação da língua nativa. Também a educação bicultural, pela qual um povo pretende incorporar conhecimentos de outra cultura, como é o caso de grande número, senão da maioria, dos povos indígenas amazônicos que agora têm a

necessidade de dominar muitos conhecimentos da cultura ocidental, também essa educação deve dar-se através da língua nativa, sobretudo quando atua sobre as crianças, para que fique assegurada sua eficácia e para que não se torne um fator a mais de ruptura da ordem social nativa e de perda da língua indígena. Crianças educadas numa língua que não é a de seus pais e da sua cultura, acabam desarraigadas, desajustadas socialmente em sua comunidade, sem condições de efetiva integração na comunidade de seus instrutores. Deixam de tornar-se cidadãos plenos na comunidade nativa para tornar-se cidadãos marginais, tipicamente pobres, na comunidade nacional, como acontece com os milhares de índios favelados em Manaus, em grande parte, oriundos das escolas do alto Rio Negro.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO

A Amazônia, com 19 famílias genéticas e 20 isolados, é uma das regiões de maior diversidade linguística do mundo e suas línguas, que apenas começam a ser pesquisadas cientificamente, revelam propriedades únicas, não encontradas em outras regiões. Mas todas as 250 línguas amazônicas estão ameaçadas de extinção, com uma média populacional extremamente baixa, sobretudo na Amazônia brasileira. Como em outras partes do mundo, o desaparecimento sob pressão das línguas na Amazônia, acarreta a perda de importante patrimônio intelectual e de conhecimentos sobre a adaptação do homem nessa região, assim como contribui fortemente para a desarticulação social e a marginalização e empobrecimento dos povos indígenas.

A fim de intensificar o estudo das línguas amazônicas, tanto para documentação e análise científica, como para aplicação do conhecimento linguístico na preservação e desenvolvimento das comunidades indígenas, é necessário e urgente que se criem nos países amazônicos centros de pesquisa que possam manter equipes de linguístas atuando por prazos de extensão variável, com recursos para trabalho de campo e trabalho no centro, inclusive com a participação de membros das comunidades indígenas. Será necessário assegurar fundos não disponíveis atualmente nos países da região para financiar esses centros de pesquisa linguística amazônica. Para a base física de alguns centros existe a possibilidade de obter a cooperação de algumas instituições de pesquisas da Amazônia, como o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém e o Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (INPA, Manaus), no Brasil; o Centro de Investigaciones de Antropología Aplicada de la Amazonia Peruana (CIAAAP), no Peru; o Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas (IVIC), na Venezuela e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguirre, D., e Rodrigues, A.D. (1985). Povos Indígenas do Brasil e Presença Missionária, mapa. Conselho Indigenista Missionário, (Brasília).

Derbyshire, D. C. (1977). Word order universals and the existence of OVS languages. *Linguistic Inquiry*, 8, 590-599.

Derbyshire, D. C. (1981). A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages. *Journal of linguistics*, 17, 209-220. /f

Derbyshire, D. C. (1986). Topic continuity and OVS order in Hixkaryana. *Native South American Discourse* (J. Sherzer e G. Urban, orgs.). Mouton, Berlim.

Derbyshire, D. C. (1987). Morphosyntactic areal characteristics of Amazonian languages. *Intern. J. of Amer. Linguistics*, 53, 311-326.

Derbyshire, D. C., e G. K. Pullum (1981). Object-initial languages. *Intern. J. of Amer. Linguistics*, 47, 192-214.

Everett, D. (1983). A língua Pirahã e a Teoria da Sintaxe. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. /ã

Everett, D. (1985). A note on ergativity, S', and S" in Karitiána. Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session, 29. (Também em: Notes on Linguistics, 33, 40-47).

Everett, D., e K. Everett (1984). On the relevance of syllable onsets to stress placement. *Ling. Inquiry*, 15, 705-711.

Grimes, B. (1984). Ethnologue: Languages of the World, 10a. edição. Wycliffe Bible Translators, Dallas. /ao

Jensen, A. A. (1988). Sistemas Indígenas de Classificação de Aves: Aspectos comparativos, Ecológicos e Evolutivos. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Krauss, M. (1991). The world's languages in crisis. Papers from the endangered Languages Panel, 65th Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Jan. 3, 1991, Chicago (a ser publicado na revista *Language*).

Landin, D. (1984). An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences. Estudos sobre Línguas Tupi do Brasil (R.A. Dooley, org.). Summer Institute of Linguistics, Brasília. Pp. 219-254.

Nimuendajú, C. (1981). Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

Posy, D.A. (1979). Ethnoentomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil. Tese de doutorado, Universidade da Georgia. /ey

1ey Post, D. A. (1982). Indigenous Knowledge and development: an ideological bridge to the future. *Ciência e Cultura*, 35, 877-894. /e

Pe sey, D.A. (1983). Etnomethodology as an emic guide to cultural systems: the case of the insects and the Kayapó Indians of Amazonia. *Rev. Bras. de Zoologia*, 1(3), 135-144.

Rodrigues, A. D. (1984). Contribuição das línguas brasileiras para a fonética e a fonologia. *Language in the Americas* (D.F. Solá, org.). Latin American Center of Cornell University, Ithaca. Pp. 263-267.

Rodrigues, A.D. (1986a). Línguas Brasileiras: para o Conhecimento das Línguas Indígenas. Edições Loyola, São Paulo.

Rodrigues, A. D. (1986b). Silêncio, pausa e nasalização. *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística*, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Pp. 153-159.

Rodrigues, A. D. (1990). You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages* (D. L. Payne, org.) University of Texas Press, Austin. pp. 393-405.

/U Vigna, D. del (1991) . Segmentos Complexos da Língua Yuhúp. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.